

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais**

Programa novo implementado a partir de 2003/2004

Duração da prova: 120 minutos  
2006

2.ª FASE

**PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS B**

---

Identifique claramente os grupos e os itens a que responde.  
Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.  
Não pode utilizar dicionário.  
É interdito o uso de «esferográfica-lápis» e de corrector.  
As cotações da prova encontram-se na página 7.

**Grupos I e III**

- Deve riscar, de forma inequívoca, tudo aquilo que pretende que não seja classificado.
- Se apresentar mais do que uma resposta ao mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

**Grupo II**

- Relativamente aos itens deste grupo, há que atender aos princípios a seguir indicados.
  1. Para cada um dos itens de escolha múltipla (1.1., 1.2., 1.3. e 1.4.), SELECIONE a alternativa CORRECTA e, na sua folha de respostas, indique claramente o NÚMERO do item e a LETRA da alternativa pela qual optou.
  2. Para o item de associação (2.), ESTABELEÇA as correspondências CORRECTAS entre os elementos das duas colunas e, na sua folha de respostas, indique claramente o NÚMERO do item, bem como o NÚMERO da coluna A e a LETRA da coluna B por cuja associação optou.
- É atribuída a cotação de zero (0) pontos às respostas em que apresente:
  - mais do que uma opção (ainda que nelas esteja incluída a opção correcta);
  - o número e/ou a letra ilegíveis.
- Em caso de engano, este deve ser riscado e corrigido à frente, de modo bem legível.

## GRUPO I

Leia, atentamente, o texto, constituído por cinco estâncias de *Os Lusíadas*, extraídas do Canto VII.

- Est. 78, v. 1 Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,  
Eu, que cometo<sup>1</sup>, insano<sup>2</sup> e temerário,  
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,  
Por caminho tão árduo, longo e vário!  
Vosso favor invoco, que navego  
Por alto mar, com vento tão contrário  
Que, se não me ajudais, hei grande medo  
Que o meu fraco batel se alague cedo.
- Est. 79, v. 9 Olhai que há tanto tempo que, cantando  
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,  
A Fortuna me traz peregrinando,  
Novos trabalhos vendo e novos danos:  
Agora o mar, agora experimentando  
Os perigos Mavórcios<sup>3</sup> inumanos,  
Qual Cánace<sup>4</sup>, que à morte se condena,  
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;
- Est. 80, v. 17 Agora, com pobreza avorrecida,  
Por hospícios<sup>5</sup> alheios degradado;  
Agora, da esperança já adquirida,  
De novo mais que nunca derribado;  
Agora às costas escapando a vida<sup>6</sup>,  
Que dum fio pendia tão delgado  
Que não menos milagre foi salvar-se  
Que pera o Rei Judaico<sup>7</sup> acrescentar-se.
- Est. 81, v. 25 E ainda, Ninfas minhas, não bastava  
Que tamanhas misérias me cercassem,  
Senão que aqueles que eu cantando andava  
Tal prémio de meus versos me tornassem:  
A troco dos descansos que esperava,  
Das capelas<sup>8</sup> de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca usados me inventaram,  
Com que em tão duro estado me deitaram.

<sup>1</sup> *cometo*: me aventuro.

<sup>2</sup> *insano*: insensato, louco.

<sup>3</sup> *Mavórcios*: guerreiros (relativo a Marte, deus da guerra).

<sup>4</sup> *Cánace*: personagem mitológica que se suicidou, com a pena na mão direita e a espada na outra.

<sup>5</sup> *hospícios*: locais onde se acolhem viajantes, necessitados, doentes.

<sup>6</sup> *às costas escapando a vida*: alusão ao naufrágio de Camões no mar da China.

<sup>7</sup> *Rei Judaico*: rei de Judá, o qual, sabendo que ia morrer, rogou a Deus mais quinze anos de vida.

<sup>8</sup> *capelas*: grinaldas.

Vede, Ninfas, que engenhos<sup>9</sup> de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezar, com tais favores,  
A quem os faz, cantando, gloriosos!  
Que exemplos a futuros escritores,  
Pera espertar engenhos<sup>9</sup> curiosos,  
Pera porem as cousas em memória  
Que merecerem ter eterna glória!

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, ed. preparada por A. J. da Costa Pimpão,  
5.ª ed., Lisboa, MNE / IC, 2003

---

<sup>9</sup> *engenhos*: talentos, saberes.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. O texto pertence a uma das invocações de *Os Lusíadas*.  
Releia a estância 78. Identifique os elementos do discurso que, nesta estância, constituem marcas de invocação.
2. Baseando-se no texto, refira cinco aspectos marcantes da caracterização que o sujeito poético faz da sua vida.
3. Explícite um dos valores expressivos da anáfora «Agora» (vv. 13, 17, 19, 21).
4. Atente na estância 82. Analise a crítica social e política expressa nesta oitava.
5. «*Os Lusíadas* suscitam reacções contraditórias. São, por um lado, uma obra laboriosa e árdua de ler – e, por outro, um deleite, para dizer como Tétis ao Gama.»

Fernando Gil e Helder Macedo, *Viagens do Olhar*, Porto, Campo das Letras, 1998

Partindo do juízo expresso na afirmação acima transcrita, descreva, num texto de sessenta a cem palavras, a sua reacção de leitor relativamente a *Os Lusíadas*.

#### Observações relativas ao item 5.

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2006/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

## GRUPO II

Leia, atentamente, o seguinte texto.

1 Os portugueses lêem menos jornais e periódicos do que qualquer país da União<sup>1</sup>. Cinco a dez vezes menos, conforme os países. E tenhamos consciência de que as chamadas taxas de leitura desses países já eram o que são hoje há várias décadas. Tal como as portuguesas. Quer isto dizer que se pode quase admitir que existe um patamar de leitura de imprensa (eventualmente também de livros, eis uma questão para a qual não temos resposta) que o crescimento económico não parece conseguir elevar. Em muitos sectores, os portugueses recuperam atrasos ou, melhor dizendo, encurtam a distância que os separa de outros povos. Mas tal não é o caso quando olhamos para a leitura e a circulação de periódicos e de livros. [...]

10 A leitura de livros e de jornais é um hábito, uma necessidade cultural e uma exigência profissional, relativamente independente dos níveis de desenvolvimento económico. Por outras palavras, a leitura de livros e de jornais, durante os séculos XIX e XX, não aumenta necessariamente com o Produto Nacional Bruto<sup>2</sup>. Nem nas mesmas proporções que a alfabetização e a escolarização. [...] Quer isto dizer que há factores explicativos, designadamente históricos, que podem influenciar de modo determinante os níveis de leitura.

15 No caso português, para retomar a minha hipótese de trabalho, quando foram atingidos níveis razoáveis de escolaridade e quando as taxas de analfabetismo começaram a descer abaixo dos 40 a 50 por cento, já existiam a rádio e sobretudo a televisão. Para a maioria dos portugueses, a palavra escrita nunca foi a principal fonte de informação cultural, profissional, quotidiana, familiar ou política. A televisão instalou-se em Portugal e cobriu o território antes de a escola o ter conseguido. [...] Até porque esta não compreendia<sup>3</sup> os adultos ou os idosos e apenas acolhia as crianças e os adolescentes, nem sequer todos, durante um muito curto período de tempo. Desde então, consolidou-se o lugar da televisão como fonte primordial de informação (e de entretenimento e de consumo cultural), sem que nunca antes a leitura de livros e de periódicos se tivesse generalizado ao País, às regiões e às classes sociais.

António Barreto, «O livro é eterno», in *Tempo de Incerteza*, Lisboa, Relógio d'Água, 2002

<sup>1</sup> *União*: no texto, a palavra designa «União Europeia».

<sup>2</sup> *Produto Nacional Bruto*: soma dos valores dos bens e serviços produzidos num ano por um país.

<sup>3</sup> *não compreendia*: não integrava.

1. Para cada um dos quatro itens que se seguem (1.1., 1.2., 1.3. e 1.4.), escreva, na sua folha de respostas, a letra correspondente à alternativa correcta, de acordo com o sentido do texto.

1.1. Segundo o autor, há várias décadas que a taxa de leitura de imprensa em Portugal é inferior à dos outros países da União Europeia (UE). Tal facto corresponde à situação seguinte:

- A. o número de leitores tem subido em todos os países da UE, excepto em Portugal.
- B. o crescimento económico dos outros países da UE tem favorecido a expansão da leitura.
- C. as taxas de leitura em Portugal e nos outros países da UE têm-se mantido inalteráveis.
- D. a incapacidade portuguesa de recuperar atrasos tem marcado toda a vida nacional.

- 1.2. Segundo o autor, os fracos índices de leitura de livros e de jornais, no Portugal de hoje, são fundamentalmente determinados pelo facto de
- o Produto Nacional Bruto ter vindo a aumentar de forma muito pouco significativa.
  - as taxas de analfabetismo terem permanecido demasiado elevadas entre os portugueses.
  - os níveis de escolaridade atingidos pela população portuguesa serem insuficientes.
  - o hábito de ver televisão se ter enraizado antes de se ter generalizado o hábito de ler.
- 1.3. O antecedente do pronome relativo «que» (linha 5) é
- «taxas de leitura» (linhas 2 e 3).
  - «leitura de imprensa» (linha 4).
  - «um patamar de leitura de imprensa» (linha 4).
  - «uma questão» (linha 5).
- 1.4. O recurso às expressões «A leitura de livros e de jornais» (linha 10), «a leitura de livros e de jornais» (linha 12) e «a leitura de livros e de periódicos» (linhas 24 e 25)
- contribui para reforçar o carácter descritivo do texto.
  - serve para introduzir enumerações ilustrativas.
  - mobiliza significados diferentes das expressões.
  - constitui um mecanismo de coesão lexical do texto.

2. Neste item, faça corresponder a cada um dos quatro elementos da coluna **A** um elemento da coluna **B**, de modo a obter afirmações verdadeiras. Escreva, na sua folha de respostas, ao lado do número da frase, a alínea correspondente.

<b>A</b>
1) Com o uso da conjunção coordenativa adversativa «Mas» (linha 8),
2) Com a expressão «Por outras palavras» (linhas 11 e 12),
3) Com o recurso à forma do verbo auxiliar modal «podem» (linha 15),
4) Com a apresentação de informação entre parêntesis (linha 24),

<b>B</b>
a) o enunciador exprime um contraste relativamente à ideia antes apresentada.
b) o enunciador introduz aspectos acessórios relativamente ao tópico que se encontra a tratar.
c) o enunciador recorre à autoridade de alguém para reforçar as suas ideias.
d) o enunciador apresenta o conteúdo da frase como uma possibilidade.
e) o enunciador introduz uma explicitação das afirmações anteriormente feitas.
f) o enunciador narra um acontecimento ilustrativo da ideia exposta.
g) o enunciador define a estrutura global do texto.

### GRUPO III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, apresente uma reflexão sobre a tese relativa às preferências culturais dos jovens, exposta no texto a seguir transcrito. Para fundamentar o seu ponto de vista, recorra, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

*Cultura clássica é o conjunto dos géneros estabelecidos: o livro, o cinema, o teatro, as exposições. Assiste-se progressivamente à substituição destes domínios instalados pelas tradições e pelas escolas por uma outra forma de cultura, particularmente apreciada pelos jovens e, claro, por eles veiculada, e que é constituída pelo vídeo, pelas magias informáticas, pelos novos modos de comunicar ou de ouvir música ou por essas mesmas músicas, o rap ou a tecno.*

Bernard Pivot, cit. in José Afonso Furtado, *Os Livros e as Leituras – Novas Ecologias da Informação*, Lisboa, Livros e Leituras, 2000

#### Observações

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.:/dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2006/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - a um texto com uma extensão inferior a oitenta palavras é atribuída a cotação de 0 (zero) pontos;
  - nos outros casos, um desvio dos limites de extensão requeridos implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES DA PROVA

<b>GRUPO I</b> .....	<b>100 pontos</b>
1. ....	15 pontos
Conteúdo .....	(9 pontos)
Organização e correcção linguística .....	(6 pontos)
2. ....	25 pontos
Conteúdo .....	(15 pontos)
Organização e correcção linguística .....	(10 pontos)
3. ....	15 pontos
Conteúdo .....	(9 pontos)
Organização e correcção linguística .....	(6 pontos)
4. ....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Organização e correcção linguística .....	(8 pontos)
5. ....	25 pontos
Conteúdo .....	(15 pontos)
Organização e correcção linguística .....	(10 pontos)
<b>GRUPO II</b> .....	<b>60 pontos</b>
1. ....	
1.1. ....	10 pontos
1.2. ....	10 pontos
1.3. ....	10 pontos
1.4. ....	10 pontos
2. ....	20 pontos
<b>GRUPO III</b> .....	<b>40 pontos</b>
Estruturação temática e discursiva .....	30 pontos
Correcção linguística .....	10 pontos
<b>Total</b> .....	<b>200 pontos</b>